DOI: 10.67503/2595-153X.v48n56.624

Considerações metapsicológicas sobre o trabalho psicanalítico entre sessões

Metapsychological considerations on psychoanalytic work between sessions

Marília Mancini Castilho[*]
Camila Santos Lima Fonteles[**]

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa que teve como objetivo discutir a parcela do trabalho de análise que segue ocorrendo entre as sessões. Analisamos quatro principais componentes desse trabalho: (i) os sonhos, influenciados pelas sessões e meio de expressão da transferência; (ii) a perlaboração, penoso ofício de superação das resistências, que rompe os limites temporais da sessão; (iii) o *a posteriori*, presente nos momentos em que a análise suscita o surgimento de uma representação até então inconsciente, com efeito traumático e de reatribuição de sentido; (iv) a transferência, elemento possibilitador dessa parcela do trabalho analítico. O texto enfatiza a importância do entre sessões e, também, de sua elaboração conceitual como forma de pensar a prática clínica.

Palavras-chave: *A posteriori*. Entre sessões. *Nachträglich*. Perlaboração. Psicanálise.

Abstract

This article results from a research that aimed to discuss the part of the psychoanalytic work that continues to take place between sessions. We highlight four main components of this work: (i) dreams, influenced by the sessions and a means of expressing the transference; (ii) working-through, the painful task of overcoming resistance, which breaks the temporal limits of the session; (iii) the a posteriori (Nachträglichkeit), present when the analysis gives rise to the emergence of a previously unconscious representation, with a traumatic effect and a reattribution of meaning; (iv) the transference, the enabling element of this part of the analytic work. The text emphasizes the importance of between sessions and of its conceptual elaboration for clinical practice.

***Keywords**: A posteriori. Between sessions. Nachträglich. Psychoanalysis. Working-through.*

[*] Graduada em Administração pela Universidade de São Paulo (USP). Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP, Brasil.
marilia.mancini@outlook.com

[**] Psicóloga, Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Bahia em cotutela com a *Université Paris Diderot*. Professora do Curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). São Paulo, SP, Brasil.
camilafonteles@hotmail.com

"Fazer análise": essa é a expressão usualmente utilizada para referir-se à experiência de estar em um tratamento orientado pela psicanálise. O que estamos dizendo, afinal, quando nomeamos nossa experiência psicanalítica como um *fazer*? Algumas pesquisas se dedicaram a pensar a natureza do processo analítico (CELES, 2005a, 2005b; FURTADO, 2008; VENTURA, 2016). Elas ressaltam que desde os *Estudos sobre a histeria* (FREUD; BREUER, 1895/2016) já havia a conotação de um trabalho naquilo que então começava a se delinear como psicanálise; mostram, também que a noção de trabalho permeia diversos conceitos da obra freudiana.

Ainda que haja produções importantes dedicadas a pensar o trabalho analítico por essa perspectiva, há uma questão que permanece pouco explorada: a parcela desse trabalho que segue ocorrendo fora da sessão. Aquilo que se produz após o término da sessão e com influência dela – lembranças, associações e elaborações que o analisando vivencia acompanhado apenas daquilo que nele ressoou da sessão, estando desta vez distante do *setting* analítico.

Retomemos, a título de reflexão, uma analogia feita por Freud (1937/2022), em seu texto *Construções na análise*, entre o trabalho de análise e o do arqueólogo. A principal aproximação que ele faz entre os dois trabalhos é de que ambos se dedicam à reconstrução através da junção de restos conservados. Apesar dessa semelhança, Freud destaca também algumas particularidades de cada um – ressaltemos duas delas que nos ajudam a pensar o tema deste artigo.

A primeira é de que o analista se ocupa com algo vivo (o objeto psíquico), diferentemente do arqueólogo, que trabalha com objetos destruídos. Freud pontua isso como uma vantagem do analista, que dispõe de condições melhores de trabalho nesse sentido; ele destaca que o objeto destruído poderia ter partes importantes faltando, por exemplo.

Gostaríamos de sugerir uma outra diferença que nos parece que decorre dessa primeira: justamente porque o analista se ocupa com algo vivo, na ocorrência de um intervalo de trabalho esse "algo" não se mantém exatamente da forma como estava – entre uma sessão e outra, há uma produção do analisando que segue ocorrendo e que também compõe o conjunto do trabalho. Se na arqueologia a tarefa pode ser retomada do ponto onde foi interrompido da última vez, o trabalho de análise é sempre retomado em um novo ponto de partida.

A segunda particularidade é de que na arqueologia a reconstrução é o objetivo final do trabalho, enquanto na análise ela é apenas um trabalho preliminar, que se dá de tal forma que "o analista produz um pedaço de construção, comunica-o ao paciente, para que faça efeito sobre ele; depois, ele constrói

mais um pedaço a partir do novo material que chega como um afluente (...)" (FREUD, 1937/2022, p. 369-370).

Em relação a esse processo, nos parece que há que se supor um tempo: um tempo entre essa comunicação do analista ao paciente e o efeito que ela terá sobre ele, assim como um tempo entre a assimilação desse efeito e a construção de um novo material a ser explorado em análise. Sabemos que o processo de análise não é linear e que as mudanças muitas vezes demandam bastante tempo e repetição.

Nossa hipótese é de que o tempo entre sessões, o intervalo que o analisando dispõe para elaborar e ressignificar o que foi trabalhado no encontro analítico, tem um papel importante nesse processo. Ele seria tempo de prosseguimento de um trabalho que se relaciona de forma dialética com a sessão: é tanto influenciado pelo conteúdo levantado pela sessão anterior, como também influencia o que será trabalhado no encontro seguinte.

Dado o exposto acima, o intuito deste artigo é lançar luz sobre essa questão, trazendo algumas considerações iniciais que podem contribuir para se pensar o entre sessões como uma parcela importante do trabalho analítico. A partir dessa perspectiva, discutimos quatro aspectos centrais: os sonhos, a perlaboração, a noção de *Einfall* e sua relação com o *a posteriori* e a transferência.

A relação entre o sonho e a sessão de análise

Comecemos pelo que talvez seja a manifestação mais evidente de um trabalho entre sessões. O que seriam os sonhos, senão uma produção que se dá fora do *setting*? Sabe-se da centralidade dos sonhos em um processo analítico e também do caráter de um trabalho envolvido no sonhar. Podemos tomar o sonho enquanto uma expressão do analisando que se dá em relação com o que ocorre durante as sessões: aquilo que é desenvolvido nelas torna possível o prosseguimento de um processo que também ressignifica o que se dá no *setting* de análise.

Freud, no item *O material recente e o indiferente no sonho*, da *Interpretação dos sonhos* (1900/2019), busca responder qual é a origem do material do sonho, ou seja, de onde vêm os elementos que ocorrem no conteúdo do sonho. O autor defende que em cada sonho há uma ligação com as vivências do último dia transcorrido – o que ele chama de *restos diurnos* –, e que são essas vivências que provocam o sonho. Freud destaca que "nos damos ao trabalho de sonhar apenas com aquele material que nos levou a refletir durante o dia" (1900/2019, p. 210).

Um ponto importante que envolve esse tema diz respeito à forma como o resto diurno figura no sonho. Freud nos ensina que é possível tanto que ele seja representado diretamente no conteúdo do sonho quanto que ele apareça de forma deslocada, a partir do efeito da censura. Com relação ao primeiro caso, ele dá o exemplo do *Sonho da injeção de Irma*: no dia do sonho, Freud conversa com um colega que lhe dá notícias sobre Irma, uma paciente que ele havia tratado; à noite, ele sonha justamente com Irma; dessa forma, a vivência recente e psiquicamente significativa (lembrança da paciente Irma a partir da conversa com o colega) que gerou o sonho figura diretamente nele, a partir da imagem de Irma no sonho.

Com relação ao segundo caso, Freud alerta que é necessário levar em consideração o efeito da censura, que provoca um fenômeno de deformação do sonho. Assim, ainda que o sonho seja provocado por aquilo que nos chama a atenção – uma impressão excitante – durante o dia do sonho, seu conteúdo manifesto pode, por ação da censura, ser composto de impressões irrelevantes. O que ocorre é um deslocamento da ênfase psíquica de uma representação para outra; há uma substituição da vivência psiquicamente valiosa por uma vivência irrelevante.

Um pouco mais adiante no texto, Freud acrescenta uma observação importante: afirma que uma vivência interna – a lembrança de um evento psiquicamente valioso ou um raciocínio – também pode assumir o papel de instigador do sonho. Nesse caso, então, o sonho se forma a partir de uma vivência interna que se torna recente através do trabalho mental que ocorre durante o dia.

Esses elementos nos permitem supor que a sessão de análise muitas vezes influencia aquilo que sonha o analisando. A análise frequentemente ocupa esse papel de um evento significativo, carregado de importância subjetiva, seja pela experiência da sessão em si – com influência daquilo que é revivido via transferência – ou por aquilo que a sessão é capaz de suscitar.

Essa ideia é corroborada pelo que afirma Freud em nota de rodapé: "A maioria dos sonhos dos meus pacientes, durante a análise, é desse tipo [oriundos de vivências internas]" (p. 216); essa afirmação dá a entender que o estar em análise favorece a formação desse tipo de sonhos, provavelmente porque a experiência analítica desperta lembranças e pensamentos psiquicamente significativos.

Blüml e Fischer-Kern (2015), mencionam os trabalhos de Ferraro e Negri (2011) e Schwartz (2003), em que os autores afirmam que uma frequência mais elevada de sessões de análise está associada a um aumento do número

de sonhos e/ou a um relato mais frequente dos sonhos na análise. Isso dialoga com a ideia exposta acima, do processo analítico enquanto uma variável importante na produção onírica do analisando. Os autores citam também o trabalho de Laufer (1994), que defende que o sonho da noite seguinte à sessão de análise desempenha um papel decisivo no processamento da sessão, podendo servir como indicativo da forma como o analisando recebeu as interpretações do analista.

Ainda com relação a esse tema, gostaríamos de retomar alguns pontos do artigo *Expression du transfert dans les rêves* (Expressão da transferência nos sonhos), de Schlumberger (1959). Nele, o autor explora a relação dos sonhos com um aspecto específico do trabalho analítico, a saber, a transferência. Seu argumento essencial é que os sonhos, na análise, tendem a se tornar sonhos de transferência (assim como a neurose na análise tende a se tornar neurose de transferência); por esse motivo, são particularmente adequados para a expressão da transferência.

Schlumberger afirma que não surpreende o surgimento de sonhos com a figura do analista logo no início da análise, mesmo antes do pleno estabelecimento da transferência. Cita o caso de um paciente que, após a primeira sessão (com ele, embora já tivesse estado em análise anteriormente), sonha que o analista o ameaça com uma cadeira – o que, segundo o autor, seria um sonho transferencial possivelmente ligado ao analista anterior. Schlumberger propõe que, nesse início, como a transferência ainda não se firmou, a imagem do analista não está envolvida em conflitos inconscientes, podendo assim escapar à censura onírica. Adverte, porém, que não se deve inferir a presença ou ausência de transferência apenas com base na aparição ou não do analista no sonho, pois há sempre a possibilidade de deslocamentos, como apontado por Freud (1900/2019).

No caso do Homem dos Ratos, Freud (1909/2021) traz um exemplo de um sonho cujo conteúdo remete à transferência. O analisando sonha que a mãe de Freud havia morrido e ele quer apresentar as condolências; como tem medo de ser tomado por um riso compulsivo que já lhe havia acontecido em ocasiões semelhantes, decide enviar um cartão escrevendo p.c. (para condolências) – contudo, ao redigi-lo, acaba dizendo p.f. (para felicitar). Freud menciona que esse sonho expressa, via transferência, um conflito da mesma natureza do que o paciente estava vivendo com a mulher que desejava na época.

Essas considerações a respeito dos sonhos enquanto expressão da transferência tornam mais evidente como se dá uma parte do trabalho do analisando fora da sessão e como esse trabalho possui um papel importante no processo

analítico de forma geral. Green faz uma afirmação que sintetiza de forma interessante o que desenvolvemos até aqui:

> Dessa forma, os espaços da sessão e do sonho se encaixam sem se reduzir um ao outro. A sessão é, por sua vez, uma vidente de sonhos. Não é incomum que o texto de uma sessão sirva como resto diurno para constituição do sonho da noite seguinte... Mas, para construir o sonho, ainda será necessário romper com a estrutura da sessão, retornar ao mundo externo fora do consultório do analista, esquecer ou ignorar a transferência, permitir que a fantasia do desejo se desenvolva silenciosamente e se enriqueça entre as sessões. Deixar que o outro pensamento faça seu trabalho (GREEN, 1982, p. 179).

Em seguida, nos deteremos no próximo componente do entre sessões que discutiremos, a saber, a perlaboração.

"Fiquei pensando naquilo que falamos na última sessão..."

Em *Lembrar, repetir e perlaborar* (FREUD, 1914/2022), Freud levanta uma hipótese relativa à importância do tempo no processo analítico. Ele discute uma dificuldade do trabalho clínico, referente a momentos em que o processo de análise parece "empacar": o analista descobre a resistência, comunica-a ao analisando e, aparentemente, nada acontece. Quanto a isso, Freud nos alerta de que a simples nomeação de uma resistência do analisando não faz com que ela se dissolva instantaneamente. Segundo o autor, é necessário um tempo para que o analisando possa se aprofundar nessa resistência e perlaborá-la (*durcharbeiten*):

> Precisamos dar tempo ao paciente para que ele se aprofunde na resistência que até então lhe era desconhecida, para perlaborá-la, superá-la, na medida em que ele, a ela resistindo, continua o trabalho de acordo com a regra analítica fundamental. Só no ponto mais alto desse trabalho é que, em conjunto com o analisando, iremos descobrir as moções pulsionais recalcadas, que alimentam as resistências e de cuja existência e poder o paciente se convencerá através dessa vivência. O médico não tem mais nada a fazer aí senão esperar e aceitar um percurso que não pode ser evitado e que também nem sempre pode ser acelerado (FREUD, 1914/2022, p. 161).

Cabe esclarecer a estranheza que a palavra perlaboração pode causar, tendo em vista que ela é um neologismo específico da área psicanalítica. Hanns

(1996) aponta que a língua portuguesa não comporta uma tradução exata para o termo alemão *Durcharbeitung*. Na presente pesquisa, adotaremos a proposta de Laplanche e Pontalis (1991), que utilizam o neologismo perlaboração, tendo em vista que ele tenta transmitir, com o prefixo per-, a noção de trabalhar através, preservando algo do sentido original de um trabalho de superação de dificuldades.

Kupermann situa a perlaboração como "talvez o mais complexo e decisivo conceito freudiano referente às especificidades e sutilezas do manejo clínico" (2010, p. 37) –, apesar das dificuldades em abordá-lo. Abrantes e Coelho (2022) ressaltam que essa formulação surge em resposta a um problema clínico que se manifestava, a saber, as dificuldades do analisando de superação das resistências.

Abrantes (2016) reitera que a novidade técnica neste momento é a concepção de tempo, no sentido de que o analista deveria ser sensível ao tempo em que seria interessante fazer uma interpretação, para que ela se desse em um momento em que o analisando pudesse admitir – também a seu tempo – a presença de um conflito inconsciente. Nesse sentido, Abrantes e Coelho (2022) enfatizam a necessidade de um "tempo de gestação" que é inerente à perlaboração e que permite que o sujeito construa um saber de si mesmo a partir de sua experiência na análise.

Duparc (1997, p. 1569) afirma que a perlaboração consiste em um trabalho "lento e difícil, cujo ritmo básico é a estrutura temporal de sessões regularmente espaçadas". Concordamos com Duparc a respeito da importância do ritmo para a perlaboração e para o processo de análise; não nos limitaremos, contudo, à estrutura temporal das sessões, enfocando aquilo que ocorre justamente fora dela. A este respeito, Kahn (1997, p. 1706, colchetes nossos) situa algo que para nós é de fundamental importância: "A perlaboração faz parte desse processo geral [o tratamento psicanalítico], rompendo os limites temporais de cada sessão e abrangendo todos os tempos, sessões, dentro e fora do tratamento".

Temos notícias desse trabalho que ultrapassa as fronteiras da sessão a partir de falas dos analisandos como "fiquei pensando naquilo que falamos na última sessão...", que indicam que aquilo que foi suscitado na sessão ressoou para além dela, despertando um trabalho de perlaboração. Uma ilustração desse processo pode ser feita, mais de perto, através do caso do Homem dos Ratos, sobre o qual Freud (1909[1955]/2021) faz um registro sessão a sessão, permitindo inferir transformações ocorridas nos entremeios entre um encontro e outro.

Nesse relato, diversas passagens explicitam a força da resistência que estava em questão – o que indica (de acordo com o que Freud expõe em *Lembrar,*

repetir e perlaborar) a necessidade de um árduo processo de perlaboração. Em uma dessas passagens, Freud (1909/2021, p. 362) afirma a respeito do paciente: "Ele admite que tudo soa bastante plausível, mas naturalmente não há nenhum indício de convencimento". Em outro trecho, o paciente admite que, em suas fantasias diurnas, insultava a Freud de forma grosseira e indecente. Um dos temas sobre os quais a resistência incidia intensamente no caso desse paciente dizia respeito à hipótese de Freud de que o Homem dos Ratos nutria um ódio inconsciente pelo pai.

É possível localizar o início da formulação dessa hipótese nas anotações relativas à quinta sessão. Nelas, o autor relata que o paciente começa com a seguinte pergunta: "Afinal, como pode estar correta a comunicaç. de que a recriminação, a consc. de culpa, poderia ter um efeito curativo?" (FREUD, 1909[1955]/2021, p. 451-452). Se buscamos saber de onde parte esse questionamento, notamos que ela se refere a um contexto em que o Homem dos Ratos relata que não esteve presente no momento da morte de seu pai, pois não lhe ocorreu que ele poderia morrer naquela determinada noite; além disso, por muito tempo ele não se deu conta do falecimento, agindo como se ainda fosse encontrá-lo. Após a ocasião da morte de uma tia e a ida ao velório, contudo, o paciente passa a sofrer uma forte recriminação por não ter estado presente nos últimos momentos do pai, considerando-se um criminoso, o que acaba inclusive por incapacitá-lo para o trabalho.

A partir desse relato, Freud afirma que, para um leigo, essa recriminação pode parecer excessiva, isto é, a ausência do filho no momento da morte do pai não justificaria um afeto tão intenso de culpa. Contudo, ele alerta: "o afeto é justificado, não se deve continuar a criticar a consc. de culpa, mas ela pertence a outro conteúdo" (*Ibid.*, p. 451) e pouco depois dessa intervenção a sessão acaba. Na sessão seguinte, então, o Homem dos Ratos inicia a análise com a pergunta que mencionamos, intrigado com a utilidade dessa consciência de culpa. A essa questão, Freud responde que é o descobrimento do conteúdo desconhecido da recriminação que teria efeito curativo.

Retomamos essa passagem porque ela ilustra a presença de um trabalho de perlaboração entre uma sessão e outra. É provável que o Homem dos Ratos tenha refletido sobre o que foi dito e tentado, de alguma forma, encontrar um sentido para aquilo, com a expectativa de que esse sentido o ajudaria na compreensão do seu próprio sofrimento. Sua réplica a Freud dizendo que *era isso que ele havia pensado* nos indica também essa direção, dando a entender que houve, da parte dele, uma busca por respostas àquilo que havia ficado em aberto para ele na sessão.

Outro exemplo, talvez ainda mais preciso, figura na sétima sessão. A respeito dela, Freud (*Ibid.,* p. 459) registra: "Ele aborda o mesmo tema. Ele não conseguia acreditar ter tido aquele desejo [de morte] contra o pai". Na sessão anterior a essa, Freud explicitou a sua interpretação de que o amor intenso que o analisando sentia pelo pai era uma condição para o ódio recalcado – tema que foi alvo de resistência.

Novamente, ele começa a sessão com uma clara manifestação de resistência envolvendo algo que foi suscitado no último encontro, indicando que nesse meio tempo provavelmente houve um árduo trabalho de tentativa de assimilação daquilo que antes estava recalcado e que pôde se manifestar na sessão. Como Freud (1914/2022) bem pontua em seu texto, não basta fazer uma comunicação ao paciente para que ela seja instantaneamente assimilada. Há um tempo para que o analisando possa encontrar lugar para aquilo que foi descoberto. Perron-Borelli (1997) fala do tempo da análise como um tempo que não tem um significado em si mesmo, mas que adquire significado após o evento, somente por meio do trabalho que ele tornou possível.

Ideias que ocorrem a posteriori

Apesar de sua relevância, consideramos que abordar o trabalho entre sessões unicamente como uma perlaboração daquilo que se dá no encontro analítico seria incorrer em uma simplificação pouco produtiva. Por esse motivo, discutiremos a noção de *a posteriori* como outro mecanismo fundamental para se pensar o trabalho analítico nos intervalos das sessões.

Hanns (1996) afirma que, em alemão, a palavra *nachträglich* pode ser entendida tanto no sentido de um efeito retardado (uma manifestação que ocorre mais tarde) quanto no sentido de um retorno ao passado (um acréscimo posterior a algo do passado). Laplanche e Pontalis (1991) apontam que Freud por vezes utiliza a forma substantivada *Nachträglichkeit*, demonstrando que essa noção faz parte de seu aparelho conceitual, apesar de não ter sido formalmente definida. Tanto Hanns quanto Laplanche e Pontalis propõem a tradução desse termo por *a posteriori*. Adotaremos neste trabalho a sugestão desses autores.

No *Projeto de uma psicologia (FREUD*, 1950[1895]/2025), o termo *a posteriori* é empregado por Freud pela primeira vez, em um trecho em que o autor discute o caso da paciente Emma. Essa paciente, de início, apresentava um sintoma de não conseguir ir sozinha a uma loja. A esse sintoma ela associa uma cena (cena I), em que tinha doze anos e foi a uma loja, viu dois balconistas

rindo entre si e fugiu aterrorizada – concluiu que riam de seu vestido e, além disso, relata que se sentiu atraída sexualmente por um dos funcionários.

No decorrer da análise, descobre-se uma cena anterior (cena II), ocorrida aos oito anos de idade, em que ela foi à loja de um merceeiro e o homem a tocou nos genitais por cima do vestido. Emma indica que as duas cenas se conectam pelo riso (o riso dos balconistas a lembrou do riso do merceeiro no momento do atentado) e pelo fato de, em ambas, ela estar sozinha em uma loja.

Freud propõe, a partir desse caso, que "é reprimida (*Verdrängung*) uma recordação que apenas posteriormente (*nachträglich*) se tornou um trauma" (*Ibid*., p. 68). Assim, é somente através da ocorrência da cena I (balconistas, posterior no tempo) que a cena II (merceeiro, anterior no tempo) adquire seu estatuto traumático e, por conseguinte, torna-se alvo da repressão.

Esse é um exemplo interessante para ilustrar a definição que Laplanche e Pontalis adotam para o termo *nachträglich*, se referindo a "experiências, impressões, traços mnêmicos que são ulteriormente remodelados em função de experiências novas (...). Pode então ser-lhes conferida, além de um novo sentido, uma eficácia psíquica". Há, no caso de Emma, um remodelamento da cena II através da vivência da cena I, fazendo com que a primeira adquira um outro sentido que até então não estava presente.

É importante ressaltar, também, que o que evoca o fenômeno do *a posteriori* não precisa ser, necessariamente, uma cena vivida, experienciada na esfera do mundo "perceptivo". Um exemplo disso está no caso do Homem dos Lobos (1918), momento em que Freud retoma o uso do conceito de *a posteriori* 20 anos depois de tê-lo empregado pela última vez, na *Interpretação dos sonhos*. Laplanche (2012, p. 114) refere-se a esse processo como um "*après-coup* do *après-coup* em Freud".

Nesse caso, Freud postula que a compreensão da cena primordial do coito entre os pais, que o paciente teria presenciado com 1 ano e meio de idade, só é possibilitada pelo famoso sonho com os lobos, ocorrido quando ele tinha 4 anos de idade: "A cena age *a posteriori* (*nachträglich*) e nada perdeu de seu frescor no intervalo transcorrido entre 1 ano e meio e 4 anos de idade" (FREUD, 1918/2021, p. 676)

Há, ainda, um outro aspecto relativo ao *a posteriori* que tanto Hanns quanto Laplanche e Pontalis destacam para uma compreensão precisa do sentido desse termo: a atuação simultânea de dois vetores temporais. Ele envolve a ocorrência de, ao mesmo tempo: (i) uma manifestação postergada do passado, que só se faz sentir mais tarde, criando um efeito retardado e (ii) um retorno ao passado, uma presentificação do passado com um acréscimo *a posteriori*

de novos significados ao evento antigo. Se tomamos o caso de Emma, por exemplo, a lembrança da cena II, antiga, permanece no inconsciente por conta da repressão e continua a agir por meio do sintoma; ao mesmo tempo, a ocorrência da cena I no presente ressignifica a cena II por um retorno a ela.

Além desse movimento bidirecional, nos parece relevante enfatizar também o que André (2008) afirma sobre a importância de se ater à dimensão traumática envolvida no *a posteriori*. O autor destaca que essa dimensão muitas vezes se perde em usos do termo que só o tomam a partir do aspecto temporal – perde-se o caráter de *coup* (golpe) presente na tradução francesa *après-coup* e na forma como Freud emprega esse termo. Reduz-se o *a posteriori* a uma retrospecção ou uma ressignificação do passado, o que não seria um uso preciso. Perde-se também o fato de que a "realidade" que irrompe na cena I (posterior no tempo) é psíquica, "o golpe desferido vem do interior" (*Ibid.*, p. 143).

André (2013) destaca que são justamente os momentos traumáticos que compõem o caráter de mudança psíquica, de reatribuição de sentido que o tratamento psicanalítico supõe – e que a perlaboração sozinha não é capaz de dar conta. O tratamento produz golpes que possuem um valor, ao mesmo tempo, traumático e fecundo. O autor destaca, do lado do analista, que as interpretações têm sempre um caráter de trauma, apesar do esforço que se possa ter para transmiti-las com tato. Do lado do analisando, André (*Ibid.,* p. 128) fala do *Einfall* (traduzido pelo autor como *ideia incidente*), que corresponde "a um momento em que surge uma representação que, até então, não tinha tido verdadeiro acesso à consciência, o primeiro sinal de uma suspensão do recalcamento".

Neste ponto, cabe discutirmos esse termo alemão, para que se esclareça a que André se refere quando o menciona. De acordo com Hanns (1996), *Einfall* é uma palavra corriqueira na língua alemã que significa "ideia que ocorre", trazendo a conotação de algo que vem de fora e de forma súbita. O autor destaca que, na obra de Freud, o *Einfall* é um elemento de uma série associativa que aparece como algo novo e inesperado. Esse caráter de surpresa tem relação com o fato de que essa ideia era até então recalcada, aflorando ao consciente de maneira distorcida e estando associativamente ligado ao restante do material recalcado. Além disso, Hanns destaca o risco de uma imprecisão teórica ao traduzi-lo tanto por "associação" quanto por "ideia", motivo pelo qual manteremos aqui o termo em alemão.

Além disso, o *Einfall* se dá em um movimento temporal bidirecional (característico do *a posteriori*): há uma manifestação postergada do passado, na medida em que uma representação recalcada só pôde ser acessada depois; ao

mesmo tempo, ocorre uma presentificação do passado, na medida em que se acrescenta um outro sentido para uma representação anterior no tempo.

Segundo André, o próprio objetivo do tratamento estaria em reproduzir o movimento de *a posteriori*, para que, "de *a posteriori* em *a posteriori*, o recalcamento seja suspenso" (*Ibid.*, p. 129). Assim, ele destaca explicitamente a importância dessa noção para se pensar o trabalho clínico, na medida em que ela permite que se eleve os traumas à categoria de significação, possibilitando uma transformação, uma historicização.

Entendemos que os *Einfälle* (plural de *Einfall*) compõem parte fundamental do trabalho entre sessões. É evidente que esse momento de suspensão do recalcamento não se produz somente no *setting*, ainda que a técnica da associação livre busque favorecer sua ocorrência. Não é raro, por exemplo, que uma intervenção do analista propicie o surgimento de uma representação até então inconsciente, quando o analisando se encontra em um contexto totalmente diverso do da sessão.

É possível supor, por exemplo, que o analisando, entre uma sessão e outra, tenha uma vivência (uma conversa, um filme, a um pensamento, uma lembrança etc.) que possibilita o acesso a uma representação, até então recalcada, ligada associativamente ao que foi trabalhado/vivido na sessão anterior. Havia algo daquela sessão que só pôde ser apreendido, nesse novo sentido, *a posteriori*. Essa vivência pode pôr em jogo uma reinscrição daquilo que havia sido vivido na sessão, transformando-se em abertura ao trabalho analítico. Ao mesmo tempo que reinscreve a experiência da última sessão, influencia na sessão seguinte, em que isso será trabalho em conjunto com o analista.

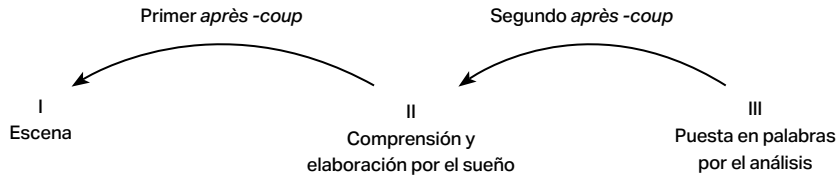
Queremos, ainda, acrescentar algo que entendemos ser útil para sustentar nossa argumentação. Nos referimos ao emprego do *a posteriori* no caso do Homem dos Lobos, em que Freud (1918/2021) utiliza essa noção para explicar a relação entre o sonho dos lobos e a cena primordial do coito parental. Laplanche (2012) chama a atenção para um outro elemento que para nós é de fundamental importância: de que há, na realidade, dois *a posteriori* envolvidos nesse processo.

Em um trecho do texto, Freud menciona o fato aparentemente curioso de que o Homem dos Lobos, com mais de 25 anos de idade, é capaz de trazer percepções, na análise, a respeito de um episódio ocorrido aos 4 anos de idade. Em uma nota de rodapé, ele traz a seguinte justificativa para isso:

> (...) Trata-se, simplesmente, de um segundo caso de *posterioridade (nachträglich)*. Com 1 ano e meio de idade, a criança rece-

> be uma impressão à qual não pode reagir adequadamente; só a entende, só é atingido por ela com a revivescência da impressão aos 4 anos de idade e só pode avaliar duas décadas mais tarde, durante a análise, mediante uma atividade consciente de pensamento, o que lhe aconteceu naquela época. O analisando ignora, então, com razão, as três fases temporais e introduz seu Eu atual na situação que havia passado há muito tempo. E nisso o acompanhamos, pois, com uma auto-observação e uma interpretação corretas, o efeito tem de ser o de como se fosse possível negligenciar a distância entre a segunda e a terceira fase (FREUD, 1918/2021, p. 676).

Essa nota, embora explicativa, é bastante densa – vamos analisá-la por etapas. Freud se refere a três fases temporais: a primeira, ao 1 ano e meio de idade (cena primordial), a segunda, aos 4 anos de idade (sonho dos lobos) e a terceira, aos 25 anos de idade (relato em análise). Essas três fases compõem dois *a posteriori*: o primeiro, quando o sonho dos lobos remete à cena primordial e, o segundo, quando o paciente coloca o sonho em palavras, na sessão de análise. Laplanche (2012) ilustra essa formulação de Freud no esquema a seguir:



Esquema dos dois *a posteriori* segundo Laplanche

Tradução dos termos: "Escena" = cena; "Primer après-coup": primeiro *a posteriori*; "Comprensión y elaboración por el sueño" = compreensão e elaboração através do sonho; "Segundo après-coup": segundo *a posteriori*; "Puesta en palabras por el análisis": colocação em palavras pela análise. Fonte: Laplanche (2012, p. 116)

Ou seja, haveria aí uma menção explícita de Freud à presença do *a posteriori* no próprio funcionamento do processo analítico, em linha com o que sugeriu André (2013). Contudo, o que Freud também menciona na nota de rodapé é que o Homem dos Lobos, com razão, ignora as três fases temporais e situa seu Eu nas situações infantis; o autor diz, ainda, que devemos acompanhá-lo nesse movimento, pois o efeito de uma boa auto-observação do pacien-

te e de uma interpretação correta do analista permite que se negligencie a distância entre a segunda e a terceira fase (justamente, a distância temporal envolvida no *a posteriori* relacionado à análise).

Assim, ainda que Freud postule que há um segundo *a posteriori* que envolve o processo de análise, Laplanche ressalta que a intenção dele não era chamar a atenção para esse aspecto temporal envolvido no trabalho analítico. A intenção de Freud seria demarcar um distanciamento em relação à proposta junguiana de que as histórias infantis das análises seriam fantasiadas, inventadas na própria análise. Essa visão de Freud de que se deveria ignorar o tempo entre a segunda e a terceira fase visa sustentar o argumento da objetividade daquilo que se descobre através da psicanálise.

Quanto a isso, contudo, Laplanche (2012) faz uma ressalva que nos é valiosa:

O argumento vale o que vale, mas com essa maneira de sustentar que o segundo espaço temporal, entre os 4 e os 24 anos, pode ser negligenciado, elimina-se o problema do *après-coup* na cura, problema que, até onde sei, nunca será abordado frontalmente por Freud (p. 117).

Essa ressalva dialoga com o que ressalta Kupermann (2022) a respeito da coincidência temporal entre o fim da análise do Homem dos Lobos (verão de 1914) e a publicação do ensaio *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914). Ele destaca que é no caso do Homem dos Lobos que Freud utiliza pela primeira vez uma técnica ativa, de estipular um prazo para o término do tratamento, e, ao mesmo tempo, é no ensaio publicado logo após o fim dessa análise que Freud defende a importância do tempo no processo analítico, articulando-o com a noção de perlaboração.

Kupermann (2010) considera que o ensaio de 1914 parece ser uma espécie de prenúncio do fracasso dessa análise. As recomendações propostas no ensaio apontam para o sentido oposto da direção clínica do tratamento com o Homem dos Lobos. No ensaio, Freud enfatiza a importância de respeitar o tempo do analisando e da paciência do analista; na análise com Sergei, ele utiliza pela primeira vez a técnica ativa de estipular um prazo para o término da análise, com o intuito de *desempacar* o tratamento. O que nos interessa aqui é que esse panorama indicaria uma tendência de modificação do estilo clínico de Freud, a partir da constatação dos efeitos paralisantes da resistência no tratamento psicanalítico.

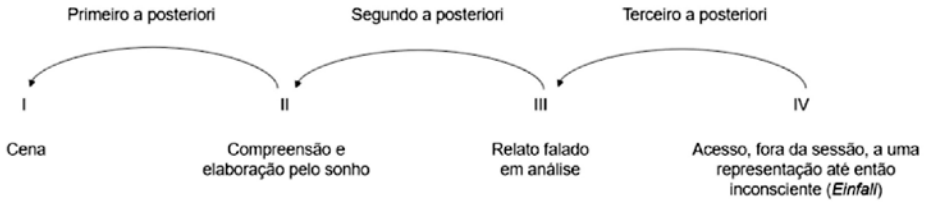
Entendemos que essa nota de rodapé envolvendo o *a posteriori* também pode ser lida a partir dessa perspectiva que propõe Kupermann. Esse mesmo contraste pode ser percebido em relação a ela: na nota, Freud defende que a auto-observação do analisando e uma interpretação correta do analista permi-

tem negligenciar o *a posteriori* envolvido no processo de análise; no ensaio, Freud ressalta que somente a interpretação não basta, que é preciso dar tempo ao analisando para que ele possa perlaborá-la.

Parece haver uma tensão entre duas posições: uma que foca na objetividade do que pode ser revelado em uma análise e outra que admite que é necessário considerar o aspecto temporal para que isso que seja revelado adquira um sentido para o paciente. Laplanche (2012) reforça essa ideia, afirmando que Freud teve que abandonar a ilusão da existência de um *grande segredo* que eventualmente se revelaria na análise e trabalhar com a ideia de que esse segredo é a trajetória imperfeita em direção a elementos que veiculam um enigma que nunca é totalmente revelado.

Isso permite-nos retomar a proposição freudiana de que o relato das cenas em análise constitui também um *a posteriori* mas, agora, mantendo a consistência da diferença temporal que separa a segunda e a terceira fase e que caracteriza o efeito de retroação. Essa é também a direção de Laplanche, que chega a atribuir ao mecanismo do *a posteriori* o sentido geral da cura psicanalítica.

A partir do que havíamos desenvolvido com base em André (2013) – a ideia de que o *a posteriori*, através da noção de *Einfall*, possui uma participação importante no trabalho entre sessões – podemos propor um acréscimo ao esquema que Laplanche postula a partir de Freud, no sentido de incluir um terceiro *a posteriori*, que estaria relacionado ao entre sessões:



Proposição de um terceiro *a posteriori* fora da sessão
Fonte: Elaboração própria

Assim, da mesma forma que o relato falado em análise constitui um *a posteriori* (FREUD, 1918/2021), na medida em que há uma ressignificação retroativa de um evento passado, uma parte relevante do trabalho que se dá entre sessões também pode ser pensado através desse modelo, como havíamos proposto anteriormente.

Um trabalho sob transferência

Vimos, no tópico anterior, que a perlaboração é apresentada em um texto de 1914, momento em que Freud está às voltas com a questão da resistência e de seu impacto no andamento do trabalho analítico. Dois anos antes, em 1912, o autor publica o artigo *Sobre a dinâmica da transferência* (FREUD, 1912/2022), no qual ele relaciona a resistência à transferência, afirmando que a primeira se utiliza da segunda para impedir a emergência de conteúdos recalcados.

A esse respeito, Mezan (2013, p. 241) afirma que "a transferência se converte na arma favorita da resistência a partir do momento em que o paciente se convence que a simples deformação das suas ideias não impede que o terapeuta descubra seu verdadeiro sentido". O autor destaca também que, quando isso ocorre, é comum que quase todos os conflitos do paciente passem a ser vivenciados na esfera da transferência.

O estabelecimento dessa dinâmica pode, por um lado, aparentar como um grande obstáculo à análise, na medida em que o trabalho associativo fica dificultado pelas constantes referências à pessoa do analista. Até um certo período da obra de Freud, era essa a maneira com que ele encarava a transferência; é por essa lente, inclusive, que ela é abordada no artigo de 1914 (*Lembrar, repetir e perlaborar*). O caráter repetitivo da transferência aparece como aquilo que impede o paciente de se lembrar dos conteúdos inconscientes recalcados, agindo, assim, a serviço da resistência (MEZAN, 2013).

Estando a perlaboração diretamente relacionada às resistências, na medida em que ela é definida justamente como um trabalho para a sua superação, ela também se situa de alguma forma em relação à transferência. Se a resistência se vale desta última para se manifestar, a perlaboração certamente também envolve um trabalho do analisando em relação à sua transferência com o analista. Perlaborar implicaria, necessariamente, se haver com o tortuoso caminho da relação transferencial.

Se retomamos o caso do Homem dos Ratos, temos alguns exemplos interessantes de como esses aspectos se implicam. Freud (1909/2021) relata que, na segunda sessão, quando o paciente menciona o famoso castigo dos ratos que escutou de um capitão do exército, ele pede que seja poupado da descrição dos detalhes. A esse pedido, Freud responde que não tem qualquer inclinação para a crueldade e ressalta a importância da superação das resistências para o andamento do trabalho.

Nos interessa especialmente que, no registro dessa sessão, Freud (1909[1955]/2021, p. 445) escreve: "Certa vez, quando da minha observ. de

que eu mesmo não seria cruel, ele reagiu tratando-me como *Sr. Capitão*". Temos, aí, uma clara manifestação da transferência, que dá sinais do lugar onde o paciente situa o analista em sua fantasia. Ao pensarmos na relação disso com a resistência, podemos tomar esse exemplo pelo ângulo de que a resistência estaria fazendo uso da transferência para impedir a manifestação de um conteúdo inconsciente. Se Freud é posto no lugar do capitão, e é o capitão que menciona a tortura da qual o Homem dos Ratos tanto teme, dificulta-se o prosseguimento do relato; o foco fica capturado pela figura do analista, esquivando o paciente do trabalho associativo.

Contudo, Mezan (2013) nos lembra de uma outra faceta da transferência:

> A utilidade da transferência para os propósitos da resistência se limita aos componentes hostis e derivados do erotismo inconscientes; quando ela é isolada e analisada, o outro elemento da transferência positiva, representado pelo respeito e afeição que o paciente volta ao analista, passa a atuar no sentido de reforçar a eficácia terapêutica (p. 241).

Em diversas passagens do caso do Homens dos Ratos conseguimos inferir que é esse respeito e afeição que o paciente tem por Freud que o faz, também (além de seu desejo de se livrar dos sintomas), se esforçar tão penosamente para assimilar as interpretações que o analista lhe apresenta. Vemos, em diversos trechos, construções como: "Ele gostaria de poder perguntar como se explica que uma ideia dessa natureza (...)" (FREUD, 1909/2021, p. 362), "Ele mostra-se muito irrequieto, muito incrédulo, e admira-se de como esse desejo poderia ter sido possível nele (...)" (*ibid.*, p. 362), ou "Após termos superado uma série das mais severas resistências e dos mais amargos insultos, ele não pode subtrair-se ao efeito persuasivo da plena analogia (...)" (*Ibid.*, p. 381).

Há, inclusive, um trecho em que o próprio analisando indica esse caráter ambivalente da transferência, admitindo que, em sua fantasia, insultava a Freud indecentemente, ao mesmo tempo que nunca deixava de tratá-lo "com a máxima reverência" (*Ibid.*, p. 390). Desse modo, apesar de a transferência poder estar a serviço da resistência, há também uma faceta dela que propulsionaria o trabalho perlaborativo, na medida em que a credibilidade atribuída ao analista e o afeto que se reatualiza na relação transferencial impulsiona o paciente na superação das resistências.

Talvez o exemplo mais evidente disso no caso do Homem dos Ratos seja uma passagem em que Freud apresenta a formulação de que o paciente teria, aos 6 anos de idade, cometido algum ato sexual ligado à masturbação e sido castiga-

do pelo pai. Essa era uma das construções de Freud que davam apoio à sua hipótese de um ódio recalcado que o Homem dos Ratos sentia em relação ao pai que, como vimos, era um dos aspectos que suscitavam mais resistência no paciente. Este último descobre, então, através de uma consulta à mãe, que um episódio muito semelhante a esse de fato havia ocorrido na sua tenra infância.

Apesar disso, ele resistia a acreditar nesse relato da mãe, afirmando que nem ele próprio se lembrava daquilo. Aqui temos um exemplo claro de que o conhecimento intelectual não basta para que o paciente seja capaz de assimilar um conteúdo ao qual a resistência se opõe (o que nos afasta de uma concepção da perlaboração enquanto um trabalho intelectual). Logo após esse episódio, o Homem dos Ratos começa a ter as fantasias e sonhos hostis em relação a Freud que mencionamos anteriormente; enquanto admitia isso durante uma sessão, precisou levantar-se do divã, afirmando sentir medo de que Freud o surrasse – e associando isso às surras que seu pai lhe dava na infância.

É através dessa experiência transferencial que o paciente é capaz de aceitar a hipótese de Freud do ódio recalcado em relação ao pai, contra a qual a resistência dispendia seus máximos esforços. Como Freud (1909/2021, p. 389) afirma: "só pelo doloroso caminho da transferência ele precisou convencer-se de que sua relação com o pai realmente exigia aquele complemento inconsciente". Entendemos que é também esse caminho – o motor da transferência – que torna possível o trabalho de perlaboração que segue ocorrendo no entre sessões.

Além da perlaboração, entendemos que os *Einfälle* que discutimos anteriormente – representações que pela primeira vez escapam ao recalcamento – também estão intrinsecamente relacionadas à transferência. André (2013) destaca que é esta última que dá ao *Einfall* sua intensidade, seu caráter de estar *in praesentia* (estar presente). O autor destaca haver "uma profunda cumplicidade entre o fenômeno do *a posteriori* e a dinâmica da transferência" (p. 137), na medida em que o advento de sentido é inseparável dos efeitos da transferência/interpretação. Nesse sentido, ele ressalta também que "seu acontecimento traumático só se transforma em abertura – e não simplesmente em recalque – se encontrar alguém para ouvi-lo" (ANDRÉ, 2008, p. 142).

Isto é, parte do valor de uma interpretação está no golpe que desfere, capaz de disparar o movimento do *a posteriori* e convocar sentidos que não estavam dados de antemão – diferentemente de algo da ordem da assimilação. A presença do analista, por sua vez, é o que dá destino a esse golpe – é porque há alguém para ouvi-lo, e a quem o trabalho segue endereçado mesmo à distância, que o acontecimento pode se converter em abertura.

Finalmente, é esse pressuposto que nos afasta de uma leitura do entre sessões como algo próximo a uma autoanálise. Pelo contrário, entendemos que esse trabalho está necessariamente associado ao que se produz nas sessões, sendo influenciado por elas e também influenciando-as, retroativamente. É uma parcela importante do trabalho analítico que, como todo o restante, só é possível sob transferência.

Considerações finais

Este artigo teve como objetivo discutir a parcela do trabalho de análise que segue ocorrendo entre as sessões, do ponto de vista do analisando. Destacamos, nessa discussão, seus quatro componentes principais: os sonhos, que frequentemente tomam a sessão como fonte de material e são uma via de expressão da transferência; a perlaboração, árdua tarefa de superação das resistências, que rompe os limites temporais do encontro analítico; o *a posteriori*, que, por meio da noção de *Einfall*, permite pensar o intervalo como tempo e espaço possibilitadores da emergência de representações até então inconscientes; e a transferência, condição e motor desse trabalho do intervalo. Por se tratar de uma primeira aproximação ao tema, diversas questões permanecem em aberto – destacamos, a seguir, aquelas que nos parecem mais fecundas.

Uma primeira questão diz respeito à própria origem do intervalo entre as sessões: desde quando, e por quê, o *setting* psicanalítico passou a se organizar em encontros regulares e de hora fixa? Blüml e Fischer-Kern (2015) apontam que há uma certa subdeterminação teórica dessa escolha, sendo provável que Freud tenha aderido, de início, às convenções do ambiente médico vienense de sua época. Uma investigação histórica e conceitual da organização temporal do *setting* contribuiria para circunscrever com mais precisão a noção de entre sessões aqui esboçada – afinal, o intervalo é um efeito dessa organização.

Dessa primeira questão decorre uma segunda: a tensão entre a organização temporal do *setting* e a atemporalidade dos processos inconscientes. Se o inconsciente ignora o tempo cronológico, é de se esperar que os processos disparados pela sessão transbordem suas bordas temporais – hipótese que, de certo modo, atravessa todo este artigo. Explorar essa tensão abriria, ainda, para problematizações contemporâneas: em uma época marcada por imperativos de aceleração e de otimização do tempo, e na qual a experiência analítica de menor frequência semanal se tornou predominante, refletir sobre o que se

produz nos intervalos parece-nos uma via importante para discutir a acessibilidade e a atualidade da tarefa analítica.

Por fim, cabe reconhecer que a leitura do intervalo entre as sessões varia conforme a tradição teórica adotada – algo análogo ao que Blüml e Fischer-Kern (2015) demonstram a respeito da frequência de sessões. A tradição inglesa, por exemplo, costuma abordá-lo pela via da continuidade da experiência emocional e do manejo da ausência do analista, leitura presente em Socha (2011), a partir de Winnicott. Nesse sentido, um diálogo mais detido com autores dessa tradição ultrapassaria o escopo deste artigo, mas constitui recomendação para trabalhos futuros.

Na mesma direção, o exame desse trabalho do ponto de vista do analista – seus desafios específicos e suas implicações para o manejo clínico – permanece como outra via de continuidade desta investigação. Esperamos, com estas considerações, contribuir para que o entre sessões – parcela silenciosa, porém operante, do trabalho analítico – receba a atenção clínica e teórica que sua relevância pede.

Referências

ABRANTES, T. da S. *As formulações da elaboração psíquica (Verarbeitung e Durcharbeitung) no pensamento freudiano:* dos Estudos sobre a histeria aos artigos técnicos. 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

ABRANTES, T. da S.; COELHO, N. Formulações do conceito de elaboração psíquica no pensamento freudiano: apontamentos para um debate. *Psicologia USP*, v. 33, p. e200035, 2022.

ANDRÉ, J. O *a posteriori* transferencial dos traumas do início da vida. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, v. 16, n. spe, p. 127-140, abr. 2013.

_____. O acontecimento e a temporalidade: o *après-coup* no tratamento. *Ide: Psicanálise e Cultura*, São Paulo, v. 31, n. 47, p. 139-167, 2008.

BLÜML, V.; FISCHER-KERN, M. Die "Montagskruste" Oder: die Frage nach der Stundenfrequenz in der Psychoanalyse [A "crosta de segunda-feira" – ou: a questão da frequência de sessões em psicanálise]. *Forum Psychoanal*, v. 31, p. 175-189, mar. 2015.

CELES, L. A. Psicanálise é o nome de um trabalho. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 157-171, 2005a.

_____. Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psyche (São Paulo)*, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 25-48, 2005b.

DUPARC, F. Le temps en psychanalyse, figurations et construction [O tempo em psicanálise, figurações e construção]. *Revue française de psychanalyse*, Paris, t. LXI, n. 5, p. 1429-1588, mai 1997.

FERRARO, F.; NEGRI, I. Some remarks on an ongoing debate: frequency and rhythm in the analytic process. *Italian Psychoanalytic Annual*, v. 5, p. 135-156, 2011.

FREUD, S. (1900). *A interpretação dos sonhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. (Obras completas de Sigmund Freud, 4).

_____. (1909[1955]). *Anotações originais sobre um caso de neurose obsessiva (caso Homem dos Ratos)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 435-538. (Obras incompletas de Sigmund Freud, Histórias clínicas).

_____. (1937). *Construções na análise*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 365-381. (Obras incompletas, 6).

_____. (1918). *Da história de uma neurose infantil (caso Homem dos Lobos)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 631-774. (Obras incompletas, Histórias clínicas).

_____. (1914). *Lembrar, repetir e perlaborar*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 151-164. (Obras incompletas, 6).

_____. (1909). *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (caso Homem dos Ratos)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. p. 335-434. (Obras incompletas, Histórias clínicas).

_____. (1950[1895]). *Projeto de uma psicologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2025. p. 217-340. (Obras completas, 1).

_____. (1912). *Sobre a dinâmica da transferência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2022. p. 107-120. (Obras incompletas, 6).

FREUD, S.; BREUER, J. (1895). *Estudos sobre a histeria*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FURTADO, L. A. R. Desdobramentos do trabalho analítico como discurso. *Rev. Mal-Estar Subj.*, Fortaleza, v. 8, n. 1, p. 89-102, mar. 2008.

GREEN, A. Le double bord [O duplo limite]. *Revue française de psychanalyse*, Paris, t. XLVI, n. 2, p. 311-346, 1982.

HANNS, L. A. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

KAHN, L. La profondeur [A profundidade]. *Revue française de psychanalyse*, Paris, t. LXI, n. 5, p. 1699-1706, mai 1997.

KUPERMANN, D. A via sensível da elaboração. Caminhos da clínica psicanalítica. *Cadernos de Psicanálise*, v. 32, n. 23, p. 31-45, 2010.

_____. *Por que Ferenczi?* São Paulo: Zagodoni, 2022.

LAPLANCHE, J. *Problemáticas VI: El après-coup*. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J-B. *Vocabulário da Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

LAUFER, E. Diskussion der Arbeit von Paul Israel. *Bulletin of the European Psychoanalytical Federation*, n. 42, p. 35-42, 1994.

MEZAN, R. *Freud:* a trama dos conceitos. São Paulo: Perspectiva, 2013.

PERRON-BORELLI, M. Actualisation du passé, virtualité de l'avenir [Atualização do passado, virtualidade do futuro]. *Revue française de psychanalyse*, Paris, t. LXI, n. 5, p. 1749-1756, mai. 1997.

SCHLUMBERGER, M. Expression du transfert dans les rêves [Expressão da transferência nos sonhos]. *Revue française de psychanalyse*, v. 23, n. 3, p. 381-392, 1959. In: *Bulletin de psychologie*, t. 18, n. 237, 1964.

SCHWARTZ, C. A brief discussion on frequency of sessions and its impact upon psychoanalytic treatment. *Psychoanalytic Review*, v. 90, p. 179-191, 2003.

SOCHA, A. Sessões termináveis e intermináveis: reflexões sobre o uso temporal do encontro analítico. *J. psicanal.*, São Paulo, v. 44, n. 81, p. 97-108, dez. 2011.

VENTURA, R. A noção de trabalho na experiência psicanalítica. *Psicologia USP*, v. 27, n. 2, p. 282-288, maio-ago. 2016.

Tramitação

Recebido 12/05/2025

Aprovado 22/07/2026